

## As línguas vernaculares e a identidade cultural em Literatura Moçambicana de Língua Portuguesa: o encontro de vozes entre Paulina Chiziane e Mia Couto

### Vernacular languages and cultural identity in Portuguese-speaking Mozambican Literature: the meeting of voices between Paulina Chiziane and Mia Couto

**ABUBAKAR, INNOCENT**  
iabubakar@unilurio.ac.mz

Docente de Língua Francesa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio (UNILURIO)

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Literatura moçambicana;  
Interdiscursividade;  
Identidade cultural.

**RESUMO:** Alguns romances moçambicanos escritos em língua portuguesa trazem consigo um vocabulário de línguas vernaculares moçambicanas, desenvolvido no corpo do romance e traduzido no seu glossário. Como parte do que há de moçambicano nesta literatura em língua portuguesa, o glossário evidencia o fundo que as línguas moçambicanas emprestam ao português na comunicação, apesar da sua “marginalização” neste país onde a comunicação oficial está reservada ao Português padrão. Não obstante o seu rico conteúdo linguístico e literário, o estudo do glossário, como parte do romance, ainda não atraiu a atenção da crítica literária e linguística de Moçambique. Há que compreender o campo lexical usado e as situações de comunicação nas quais se recorre a essas línguas, se existem algumas realidades socioculturais moçambicanas que a língua portuguesa não transmite efetivamente, tornando imperioso o uso das línguas vernaculares. Este trabalho baseia-se nestas questões e o seu *corpus* é o glossário dos romances *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane e *O outro pé da sereia*, de Mia Couto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na visão de Fonseca (2002) cuja análise recorre a algumas teorias como Charaudeau (2002) sobre a relação entre identidade cultural, língua e discurso.

**KEY-WORDS:**  
Mozambican literature;  
Interdiscursivity;  
Cultural identity.

**ABSTRACT:** Some Mozambican novels, written in Portuguese, bring with them a vocabulary of Mozambican vernacular languages, developed in the novel and translated in a final wordlist. The wordlist highlights the background that these Mozambican languages lend to Portuguese in communication, despite their “marginalization” in this country where official communication is reserved for standard Portuguese language, and it is part of what makes Mozambican this literature of Portuguese language. Despite its rich linguistic and literary content, the study of the wordlist, as part of the novel, has not yet attracted the attention of Mozambique’s literary and linguistic critics. It is necessary to understand the lexical field used and the communication situations in which these

languages are used in that literature, if there are some Mozambican sociocultural realities that the Portuguese language does not effectively transmit, making the use of vernacular languages imperative. This work is based on these questions and its *corpus* is the wordlist of the novels *Ventos do apocalipse* by Paulina Chiziane and *O outro pé da sereia* by Mia Couto. It is bibliographical research as conceived by Fonseca (2002) whose analysis uses some theories, such as Charaudeau (2002) on the relationship between cultural identity, language and discourse.

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1. MOTIVAÇÃO, OBJETIVOS E CONCEITOS

Com este trabalho procuramos construir uma reflexão sobre o uso frequente das línguas vernaculares moçambicanas em obras literárias escritas em língua portuguesa. Este estudo nasce de uma constatação segundo a qual alguns romances moçambicanos em língua portuguesa recorrem ao vocabulário das Línguas Vernaculares Moçambicanas (LVM). As LVM ocupam algumas linhas no corpo da obra e algumas páginas do glossário, o que se poderia dizer que é pouco, quantitativamente falando. Entretanto, qualitativamente falando, tendo em conta o papel deste vocabulário na produção, na recepção, na compreensão e na interpretação da obra, esta inclusão ou representação das LVM em Literatura Moçambicana de língua Portuguesa (LMLP) deve ser apreciada proporcionalmente. Esta constatação levanta várias perguntas e algumas podem encontrar respostas imediatas, enquanto as outras só podem encontrar respostas numa reflexão aturada. Por exemplo, há quem possa pensar que o uso das LVM em LMLP resulta de uma interferência consequente de uma falta de domínio da língua portuguesa. Neste caso seria difícil validar esta hipótese na medida em que se trata de obras literárias de autores que dominam a língua portuguesa e nas quais o uso das LVM não compromete a qualidade daquela literatura. Pelo contrário, a LMLP e os seus escritores se afirmam cada vez mais e fazem-se respeitar no seio das outras literaturas de língua portuguesa, obtendo prémios reconhecidos. Neste contexto, é pertinente questionar porque os mesmos recorrem às LVM se eles são capazes de escrever os seus livros só em português. Aliás, se eles próprios traduzem aquele vocabulário no glossário, podiam usar o conteúdo da tradução em substituição do léxico das LVM no fundo dos romances. Qual é a dosagem do léxico em LMLP? Em que temáticas o mesmo é mais usadas? Para que fins literários ou linguísticos? A que gramática e ortografia recorre este uso?

O objetivo principal deste artigo pode resumir-se no interesse de perceber o espaço e o papel das línguas de origem moçambicana sendo essas o marco indiscutível da identidade cultural e da moçambicanidade em LMLP. Interessa, igualmente, perceber o convívio textual, o dialogismo, entre a Língua Portuguesa (LP) e as LVM, isto é, em que momento a LP precisa das LVM e quais são as regras gramaticais e ortográficas que regem esse convívio?

Tendo em conta a polissemia de alguns conceitos utilizados neste artigo, sem querer limitar o uso dos mesmos, mas sim, com o objetivo principal de criar um ponto comum de partida, há que desconstruir o título e orientar o alcance do significado de alguns conceitos frequentemente usados. Trata-se, principalmente, de língua, discurso ou fala, cultura e identidade.

Língua entender-se-á como o código utilizado pelo ser humano para comunicar verbalmente com o seu semelhante, um sistema constituído por palavras e por regras gramaticais que permitem a construção de frases e que é usado como meio de comunicação, falado ou escrito, pelos membros de uma mesma comunidade linguística. Entretanto, neste trabalho falaremos de língua fazendo referência ao “garante da coesão social de uma comunidade” indispensável “na construção de uma identidade coletiva” (Charaudeau, 2002, p. 342). O espaço geográfico do qual os falantes da língua são naturais pode ser pequeno como uma comunidade e maior como uma nação, um Estado, um Reino ou um Império. O Português (sendo uma língua de Portugal falada por portugueses), o *Kirundi* (como uma língua de Burundi falada por burundeses), o *Siswati* (como uma língua de Eswathini falada por *swathis*), são alguns dos exemplos em que a língua se identifica com uma nação e conseqüentemente com o seu povo. Em África, onde as fronteiras dos países foram traçadas sem prestar atenção ao fator da identidade dos povos, encontramos situações muito frequentes de mais do que uma língua, podendo chegar a algumas centenas no mesmo país. Além desta situação, encontramos igualmente uma situação em que uma língua africana é internacional sendo falada em dois ou três países vizinhos. Se o Burundi usa a mesma língua (*Kirundi*) que tem vários estatutos (língua materna, nacional e oficial), não acontece o mesmo em Moçambique, onde encontramos cerca de trinta línguas vernaculares.

Existem ainda casos como a República Democrática do Congo que chegam a contar com uma centena de Línguas Vernaculares. Além do Kiswahili, que é um caso diferente, visto que não é associado a nenhuma tribo ou etnia e tendo vários estatutos em uma dezena de estados africanos, temos, entre muitos exemplos, as línguas transfronteiriças como *shimakonde* faladas em Moçambique e na Tanzânia, *Chinyanja* falada em Moçambique e no Malawi, *chironga* falada em Moçambique e na África do Sul, e *Shona* falada em Moçambique e no Zimbabwe. Nestas últimas situações de convivência linguística, típicas do continente africano, *além de língua materna* ou *vernacular* (adquirida no primeiro meio de convivência e utilizada em todos os contextos socioculturais), nascem situações em que são atribuídas determinadas funções para certas línguas. É assim que nascem conceitos como língua oficial, língua da educação, língua estrangeira, língua da unidade nacional, língua franca, entre outras definições baseadas em fatores políticos, ideológicos, demográficos e socioeconómicos. No nosso contexto de estudo, em Moçambique, o português é a única língua oficial. Importa referir que, segundo o Censo de 2017, apenas 10.7% da população moçambicana fala o português como língua materna, e apenas cerca de 50% se reconhece como falante que usa essa língua com frequência e preferência. Em vários discursos, o português é indicado como “língua nacional”, o que se justifica não só pela sua função de veicular toda a comunicação oficial, mas também pela sua representação extensiva a todo o território moçambicano. Portanto, há quem considere o Português como língua estrangeira, o que se pode justificar pela sua origem, evidentemente estrangeira, e pelo número reduzido dos seus falantes no país. Neste texto, usaremos a denominação de línguas vernaculares (LVM) para designar as línguas moçambicanas (também designadas como Línguas *Bantu*), em oposição ao Português que se for considerada língua moçambicana, seria conveniente dizer-se língua moçambicana de origem estrangeira. A designação de LVM neste estudo baseia-se no uso e na pertença ou ligação de origem entre a língua e a comunidade local. Sublinhe-se que as LVM são as mais usadas em todos os contextos sociais de comunicação nas comunidades rurais, tais como nas cerimónias culturais (o casamento, o funeral) e, ultimamente, em assuntos políticos tais como os comícios populares.

Da associação entre língua e comunidade resulta igualmente a sua relação infrangível com a cultura da qual a língua é um elemento e meio de expressão. Neste texto, a cultura será principalmente entendida como,

um conjunto coeso de formas de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo aprendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, de forma objetiva e simbólica, a constituir essas pessoas em uma coletividade particular e distinta<sup>1</sup> (Rocher, 1995, p. 15).

O conceito de “identidade cultural” designa uma produção cultural típica de um certo grupo social. Tendo em conta a grandeza da pertença linguística e das variedades que possam constituir uma família linguística, dessa identidade nasce o conceito de fala, também denominado discurso. Deste, entende-se o uso diferente, típico e exclusivo de uma língua por um grupo ou grupos diferentes e pequenos de uma comunidade de maior falante da mesma língua, definido por Charaudeau como conjunto dos “modos de falar, de usar palavras, de raciocinar, contar, argumentar e brincar, explicar, convencer e seduzir, de cada comunidade<sup>2</sup>” (Charaudeau, 2001, p. 343).

Quando se fala da Literatura Moçambicana (LM) pode-se pensar apenas naquela que está em língua portuguesa, a LMLP. Entretanto, apesar de não ser muito expressiva, existe a Literatura Moçambicana em Línguas Vernaculares (LMLV). Foi, justamente, em respeito à existência de uma LMLV que destacamos a literatura do nosso estudo como Literatura Moçambicana de/ em Língua Portuguesa.

Neste texto, iremos encontrar, igualmente, o termo interdiscursividade ou encontro de vozes/discursos. Este conceito referir-se-á a aproximação de vozes, discursos, narrativas e abordagens de temas sociais em literatura. Esta aproximação do discurso partilha a visão do seu mundo que constitui a fonte do seu imaginário literário, antes de o exprimir em vozes diferentes.

1. Tradução livre de «un ensemble lié de manières de penser, de sentir et d'agir plus ou moins formalisées qui, étant apprises et partagées par une pluralité de personnes, servent, d'une manière à la fois objective et symbolique, à constituer ces personnes en une collectivité particulière et distincte».

2. Tradução livre de «Les manières de parler de chaque communauté, les façons d'employer les mots, les manières de raisonner, de raconter, d'argumenter pour blaguer, pour expliquer, pour persuader, pour séduire».

### 1.2. O CORPUS: O OUTRO PÉ DA SEREIA E VENTOS DO APOCALIPSE

Para constituir o *corpus*, escolhemos duas obras que nos parecem ser suficientes para a natureza e volume do estudo que pretendemos fazer. Trata-se do *Ventos do apocalipse* (VA), de Paulina Chiziane e *O outro pé da sereia* (OPS), de Mia Couto. Esta escolha deveu-se a várias razões entre as quais, essencialmente, a disponibilidade dos livros no formato digital e de acesso grátis, a boa recepção das obras evidenciada por prémios literários e alguns estudos ou críticas literárias, a inclusão do género por uma obra ser de um escritor e a outra de uma escritora e, por fim, a inclusão nacional do quadro espaço-temporal das narrativas. São dois textos diferentes em termos de tipologia, autoria e temáticas. O VA de Paulina Chiziane foi publicado em 1999, sete anos depois da assinatura do acordo de paz de Roma que determinou o fim do conflito armado em Moçambique<sup>3</sup> que durou dezasseis anos. Nesta obra, a narrativa testemunha e expõe a brutalidade do conflito que levou mais de um milhão de vidas de moçambicanos e deixou marcas dolorosas de miséria e violência nos sobreviventes.

3. Tratado por diferentes narrativas como “guerra de dezasseis anos”, “guerra de desestabilização”, “guerra pela democracia”, “guerra entre os irmãos”, “guerra civil”, etc.

Por sua vez, o OPS de Mia Couto, publicado em 2006, discute o cruzamento de identidades e culturas, usando o amplo espaço histórico e geográfico nacional. Os acontecimentos para cruzar as crenças, identidades e culturas multiplicam-se no romance e no quadro espaço-temporal que começa do primeiro contacto entre portugueses e moçambicanos no século XVI e envolve outros povos como os da Índia.

### 1.3. A TRADUÇÃO E A TRANSLINGUAGEM NO MULTILINGUISMO LITERÁRIO

Alguns estudos e estatísticas como de Ponso (2014, p. 250) e do último Censo Nacional realizado em 2017 demonstram que o multilinguismo moçambicano é uma realidade e que o monolingüismo é raro neste país. As estatísticas afirmam que 60% dos moçambicanos falam entre três a cinco línguas. As línguas são associadas à cultura e à identidade e são consideradas para conotar a formação, a civilização e a evolução do falante. E assim, ser ou não capaz de comunicar em uma língua pode ser um elemento para classificar ou desclassificar alguém, assim como pode também ser motivo de autoestima e/ou realização.

No seu estudo, (Timbane & Vicente, 2017) apresentam uma escala do sentimento associado às línguas faladas em Moçambique apontando o prestígio como uma das características do multilinguismo moçambicano. O triângulo deste prestígio cresce da LVM para LP, e desta para as outras Línguas como o Inglês e o Francês. No multilinguismo moçambicano, a língua portuguesa tem vários papéis, entre os quais, o de ser a única língua oficial e o de ser a língua de educação. Este estatuto prestigiado da língua portuguesa faz com que a mesma seja percebida como língua da elite e de prestígio relativamente às LVM. Pela sua exclusividade na educação e na execução das funções oficiais, a língua portuguesa acaba sendo uma língua que abre as portas para participar nos assuntos do estado-nação, excluindo assim cerca de trinta LVM. Este facto é criticado por pesquisadores como um ato que, “não só marginaliza da vida nacional um seguimento significativo da sociedade moçambicana, como também tem efeitos adversos à eficiência das políticas do estado” Firmino (2006, p. 181).

No multilinguismo, a tradução é um fenómeno natural, social e secular, mas também da atualidade. Traduz-se o pensamento de uma língua para expressar-se em uma outra, traduz-se para si próprio, traduz-se para falar e para escrever, para comunicar, etc. Entretanto, a tradução em literatura é um assunto rodeado de desafios, dos quais a noção de cultura que “deve ser refinada para dar conta dos fenómenos específicos de tradução”<sup>4</sup> Gouanvic (2013, p. 96). Geralmente, a tradução é um elo entre dois mundos linguísticos, mas quando se trata de uma tradução em literatura, mais do que o domínio das línguas em jogo, solicita-se o multiculturalismo. Aplica-se um discurso “marcado por filtros culturais que, por sua vez, são condicionados pelo contexto do público recetor” (Romanelli, 2009, p. 24). No nosso *corpus*, em vez de apresentar o produto acabado resultado da tradução, o/a tradutor/a-autor/a apresenta igualmente o processo de tradução e apresenta os dois mundos, o linguístico e o cultural na mesma obra. Consideramos isso como uma forma de envolver o leitor no processo de tradução. Enquanto o leitor falante das LV tem oportunidade de confrontar a tradução, o leitor que não entende as LV é lhe dada apenas uma oportunidade para saber que está diante de um cruzamento de culturas sendo uma apresentada à luz da outra. Este procedimento diferencia-se e pode-se dizer,

4. Tradução livre de «La notion de culture doit être affinée pour rendre compte des phénomènes traductifs spécifiques».

pela sua abundância, que o mesmo parece estar a marcar a rutura com o habitualmente usado em algumas obras mais antigas (para não dizer pioneiras) da literatura africana, que faziam a tradução da realidade cultural no conteúdo sem usar as LVM e sem apresentar os glossários, e assim sendo, sem envolver o leitor no processo de tradução. Destes podemos citar Ba Ka Khosa (1990), entre vários da LMLP. Como procedimento literário, a tradução do glossário envolve o leitor bilingue na medida em que ele possa ler o romance sem consultar o glossário, mas também ele possa consultar o glossário para comparar o seu domínio e sua tradução com a tradução do escritor. Esse envolvimento aproxima cada vez mais a obra e a sua recepção.

Além da tradução, o outro fenómeno de mediação de línguas na comunicação entre pluri-lingues é a translíngua, termo usado, geralmente, para se referir à prática de empregar duas ou mais línguas ao mesmo tempo e mesmo contexto. Este conceito cuja origem é atribuída ao Cen Williams na década de 1980, termo que ele mesmo conceptualiza e explora mais tarde na sua obra, Cen Williams (1994; 1996). O conceito atraiu atenção de estudiosos do discurso nos anos 2000 com os trabalhos de Ofélia García (2009; 2014), Bailey (2007), Otsuji e Pennycook (2010), e Canagarajah (2007; 2011; 2013), entre vários. Estes estudiosos propõem várias abordagens ao conceito de translíngua. Alguns apontam a criação artística, a negociação do significado, a experiência e a visão do mundo, como elementos necessários para translíngua. Backer (2011, p.288) define a translíngua como “o processo de fazer-significado, moldar experiências, ganhar entendimento e conhecimento através do uso de duas línguas” enquanto Canagarajah (2013, p.72) afirma que há translíngua quando “Os interlocutores negociam seus significados situacionalmente em relação às suas necessidades”, sendo que esses mesmos “criam formas e palavras que desafiam a sistematicidade ou a estabilidade o tempo todo” e que ‘co-construem significados e alcançam a compreensão intersubjetiva por meio de estratégias de negociação”. Ao analisar esta conceptualização a luz do corpus deste estudo e baseado na conceptualização de Canagarajah (2013), a considerar o autor e o leitor como interlocutores no processo de comunicação literária, seria uma hipótese por validar, dizer que a mistura da Língua Portuguesa e as LVM em LMLP é uma questão de translíngua. Neste

sentido, poder-se-ia se deduzir que a tradução do léxico em LVM baseia-se no reconhecimento da pluralidade da receção do romance que conta com leitores não falante das línguas vernaculares. Em uma outra fase, uma análise mais profunda do léxico das LVM usado no corpus da LMLP revela um intertexto assente no campo lexical dialógico. Consequentemente, cada campo lexical conduz ao(s) campo(s) temático(s), literário(s) através dos quais o autor desenvolve as ações do romance.

## II. AS LVM EM LMLP

### 2.1. O GLOSSÁRIO E A IDENTIDADE LITERÁRIA

Os dados do nosso estudo, como fizemos referência na sessão de introdução, resumem-se ao glossário. Trata-se de quatro páginas de palavras de LVM usadas no romance e traduzidas em português nas últimas páginas da obra, fenómeno recorrente em LMLP. Sublinhe-se que, em algumas obras, o glossário apresenta também algumas palavras da língua portuguesa que tenham sido emprestadas e adaptadas, ou moçambicanizadas, cujo significado no texto não seja aquele percebido por todos os falantes da língua portuguesa fora do contexto social moçambicano. Neste caso, podemos ver a palavra “calamidades” com significado de “Vestuário em segunda-mão” em *Nghamula, o homem do tchova (ou o eclipse de um cidadão)*, de Aldino Muianga (2012). Na mesma situação, podemos citar a palavra “Bazuca” explicada como “garrafa de cerveja de tamanho grande” em *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* de Mia Couto (2002). As formas de explicar as palavras das LVM usadas em LMLP são variadas, tendo cada autor adotado seu estilo. Identificamos três estilos usados pelos autores para traduzir, das quais: a tradução no glossário no fim da obra, a tradução em nota de rodapé em cada página, e uma tradução entre parênteses logo a seguir à palavra em LVM. Facto comum no corpus deste artigo consiste em ter tradução das duas obras no glossário e no fim da obra.

Para formular alguma opinião acerca do vocabulário que integra o glossário das LVM em LMLP, achamos melhor começar a analisá-los como recursos linguísticos. Assim sendo, mais do que compreender cada léxico que está traduzido, interessa, igualmente, salientar o campo lexical dessas palavras. Agrupar estas palavras nos seus respetivos campos lexicais ajudará mais tarde a associar cada campo lexical a um campo temático literário, uma realidade social. Estas realidades sociais poderão ser estudadas como temas abordados em literatura. Consequentemente, poderemos dizer quais são as áreas da vida cuja abordagem literária em LMLP recorrem mais ao empréstimo das LVM.

A ocorrência da LVM em LMLP estima-se numa média de entre duas a três páginas por cada livro. Esta afirmação baseia-se da leitura de cerca de dez obras lidas, das quais, só para citar alguns, Ferrão (2004) que apresenta um glossário de duas páginas, com vinte palavras em LVM; Muianga (2012) que apresenta duas páginas com quarenta e sete palavras em LVM, e Momplé (1995) que apresenta igualmente duas páginas com quarenta e cinco palavras em LVM. No caso concreto do *corpus* deste estudo, OPS de Mia Couto contém trinta e oito palavras do glossário enquanto VA de Paulina Chiziane contém cinquenta e uma palavras. Assim sendo, as duas obras totalizam oitenta e nove palavras. Como forma de apresentação dos dados deste estudo, para envolver o leitor na nossa análise, apresentamos a seguir todo o glossário copiado integralmente do *corpus*.

#### **2.1.1. GLOSSÁRIO DE OPS (TRÊS ÚLTIMAS PÁGINAS DA VERSÃO ONLINE NÃO PAGINADA)**

1. Mbira: pequeno xilofone feito numa cabaça, com teclas metálicas.
2. Nyanga: o mesmo que «nganga», adivinho, lançador das pedras de adivinhação.
3. Si-nhungwé: língua falada no Noroeste de Tete, Moçambique. Por vezes, grafada como shi-nhungué, cinyungué ou si-nyungwé.
4. Chikundas: etnia da região do vale do rio Zambeze, resultante das mudanças políticas e demográficas do processo da escravatura.

5. Cimbirre: árvore de madeira preciosa, conhecida por pau-ferro. Nome científico: *Androstachisjohonsonii*.
6. Achikundas: plural de chikundas.
7. Mbawa: árvore de grande porte que ocorre nas florestas ribeirinhas.
8. Quizumba: hiena.
9. Micaia: acácia. Em África as acácias são sempre espinhosas.
10. Msassa: árvore da savana africana. Nome científico: *Brachistegiaspiciformis*.
11. Chá mbalakate: chá de citronela.
12. Hakata: sementes usadas nas práticas de adivinhação.
13. Muveva: árvore de grande porte. Nome científico: *Kigelia africana*.
14. Magaiça: mineiro.
15. Si-shona: língua falada no Noroeste de Moçambique e na maior parte do Zimbabwe.
16. Cushe-cusheiro: adivinho, curandeiro.
17. Nzuzu: divindade residente nas águas.
18. Xipefo: lamparina a petróleo.
19. Caneco: goês.
20. Badjia: fritura à base de feijão.
21. Muana: rapaz.
22. Pangolim: mamífero de escamas.
23. Vanguni: plural de nguni, grupo étnico proveniente do Norte da África do Sul e que, em meados do século XIX, invadiu o território moçambicano.
24. Muzungos: nome dado aos brancos ou pessoas de outra raça culturalmente assimilados.

25. Calada: termo usado para referir a interrupção da ventania.
26. Casados: designação dada aos colonos residentes em Goa, ex-soldados e marinheiros que contraíam matrimónio com indianas e adoptavam uma vida civil.
27. Luande: pátio que rodeia a casa.
28. Msundi: pau de almofariz.
29. Chamboco: matraca.
30. Muzimos: espíritos dos antepassados familiares.
31. Mambo: chefe tradicional.
32. Muene: Imperador do Monomotapa.
33. Dzimunthu: escultura representando uma figura humana.
34. Mulambe: embondeiro.
35. *Namaste, duruji. Kemcho?* = Olá, alfaiate. Comoestá?
36. Matumi: árvore da floresta ribeirinha. Nome científico: Breonadia salicina.
37. Chibalo: trabalho forçado.
38. Concho: canoa; pequena embarcação

**2.1.2. GLOSSÁRIO DE VA (DUAS ÚLTIMAS PÁGINAS DA VERSÃO ON-LINE NÃO PAGINADA)**

1. Banga: bar.
2. Banja: reunião.
3. Capulana: pano.
4. Changane: tribo do Sul de Moçambique.

5. Chigombela: dança dos namorados.
6. Chope: tribo.
7. Culunguana: aclamação.
8. Galagala: lagarto.
9. Guche: tipo de hortícola.
10. Guemetamusse: horizonte.
11. Gugudja: abre-me.
12. Homa: espécie de hóquei sem patins.
13. Hosi: rei.
14. Khokhole: fortaleza.
15. Licalaumba: primeiro homem (mitologia tsonga).
16. Lobolo: preço de noiva.
17. Machamba: horta.
18. Mafundisse: padre pé-descalço.
19. Malanga: tubérculo comestível.
20. Mambo: Deus, senhor.
21. Mapira: sorgo.
22. Massala: fruta esférica de casca dura.
23. Massinguita: azar.
24. Mbawa: nome de árvore.
25. Mbelele: cerimónia da chuva.

26. Micaia: nome de árvore.
27. Muravarava: jogo masculino semelhante ao xadrez.
28. Muzimo: Deus.
29. Ndau: tribo do centro de Moçambique.
30. Ndirikuze: escuta-me.
31. Ndlazi: nome de pássaro.
32. Nembo: cola extraída da árvore.
33. Ngalanga: batucadas e dança.
34. Nguni: tribo.
35. Nhamussoro: adivinho ou curandeiro.
36. Nsilambo: primeira mulher (mitologia tsonga).
37. Ntchuva: jogo masculino da família do xadrez.
38. Rand: minas da África do Sul.
39. Sathana: satanás.
40. Siabamba: luta, força.
41. Siavuma: amem.
42. Suca: sai.
43. Sura: seiva de palmeira.
44. Thokosa: às suas ordens.
45. Timbila: marimba.
46. Tsonga: etnia do Sul de Moçambique.

47. Uputo: cerveja.
48. Wupsa: papas grossas de milho.
49. Xibalo: trabalho forçado.
50. Xipalapala: búzio.
51. Zuze: divindade das águas.

## 2.2. DO CAMPO LEXICAL AO CAMPO TEMÁTICO LITERÁRIO

O estudo do léxico “atenta-se à totalidade do signo linguístico concebido por Saussure (2006) no começo do Século XX. Interessa-se pelo estudo do que concerne às palavras (Orsi, 2012). Mais do que perceber o glossário sob o ponto de vista morfológico e sintático, o estudo linguístico do campo lexical pode conduzir ao campo temático literário. Sendo este último o nosso interesse, o campo temático é a pista para se chegar aos assuntos e temas sociais cuja abordagem literária impõe o uso do léxico em LVM. Esta posição concorda com Caio Santilli Oranges, que afirma que,

É através do léxico que as crenças e os costumes de uma sociedade se materializam. Toda a visão de mundo de um povo é manifestada no e pelo léxico. Em outras palavras, o léxico de uma língua reflete a cultura e os hábitos de uma sociedade, tornando-se um espelho desta (Oranges, 2017, p. 215).

A relação entre o campo lexical (significante) e o campo temático (significado) às vezes se encontra numa situação em que o significante é único com vários significados. A expansão do significante no campo temático literário pode resumir-se na polissemia que o significante adquire através de diferentes artifícios linguísticos usados pelos autores para atingir os objetivos de sua obra/estilo ou escola literária. Nesta análise, enquadrámos as palavras em campos lexicais tendo em conta o contexto em que as mesmas foram usadas e o glossário dos dois romances estudado divide-se em oito campos lexicais todos aliados à identidade cultural.

A tabela sinóptica a seguir apresenta a divisão final dos oitos campos lexicais nos quais agrupamos o glossário do nosso estudo, sem transcrever o seu significado visto que este já está transcrito no próprio glossário apresentado acima.

Tabela 1 - Tabela sinóptica do glossário do *corpus* em função do campo lexical (Fonte: Autor).

<b>Campo lexical</b>	<b>Vocabulário</b>	<b>Total</b>
Artes e Música	Mbira, chingombela, ngalanga, timbila, Dzimunthu	4
Religiosidades e ritos	Nyanga, cuche-cucheiro, Nzuzu, muzimos, mafundisse, mbelele, Muzimo, nhamussoro, Mambo, satanás, Xipalapala, Zuze	12
Geografia (Povos e espaços)	si-nhungwé, chikundas, achikundas, Si-shona, Muana, vanguni, changane, chope, ndau, nguni, tsonga	11
Fauna e flora (Biodiversidade?)	Cimbirre, Mbawa, Quizumba, Micaia, Msassa, Chambalakate, Hakata, Muveva, Pangolim, Mulambe, Matumi, Galagala, Guche, Malanga, Mapira, Massala, Machamba, Ndlazi, Nembo	19
Culinária	Badjia, chá mbalakate, msundi, sura, uputo, Wupsa	6
Organização e instituições sociais	Muzungos, Mambo, Muene, culunguana, Hosi, Mambo, Thokosa	7
Jogos	Ntchuva, Muravarava	2
Narrativas históricas/ mitológicas	Xibalo (transcrito como chibalo em Mia Couto), siabamba, Nsilambo, Licalaumba, casados, Magaiça	6

A tabela sinóptica acima mostra claramente que o uso das LV está irrefutavelmente ligado à identidade cultural nacional. Cada campo lexical e temático do nosso *corpus* constitui um dado indispensável no Bilhete de Identidade Cultural de Moçambique. Um elemento que não passa despercebido é a inclusão das várias línguas vernaculares, ou as mais representativas, tendo em conta as três regiões de Moçambique (Sul, Centro e Norte) no glossário do nosso *corpus*. Sublinhe-se a importância da correspondência entre o campo lexical linguístico e o campo temático literário para análise do discurso em todo o canal de comunicação literária. Por exemplo, o campo lexical de crenças ou religiosidade que agrupa as seguintes palavras acima traduzidas em um campo lexical: *Nyanga, cuche-cucho, Nzuzu, muzimos, mafundisse, mbelele, nhamusoro, Mambo, sataná, Xipalapala e Zuze*, representa um trabalho linguístico de lexicologia, de um lado, mas do outro lado, em literatura, este campo lexical prova a existência de religiosidade como tema ao longo do qual a LMLP debruça-se sobre a identidade cultural moçambicana, de crença e espiritualidade genuinamente moçambicanas, cuja denominação original se impõe em LVM. O mesmo acontece com a música, visto que a denominação da própria dança, dos seus passos, ritmos e dos seus instrumentos, se impõe igualmente na sua originalidade em LVM. Outros campos lexicais identificados que revelam os temas literários, no nosso *corpus* são os ritos, a geografia (povos e lugares), a fauna e flora, a culinária, a organização e relações sociais, os jogos e as narrativas históricas e mitológicas.

Uma leitura rápida deste glossário pode associar o mesmo ao quadro da identidade nacional. Tendo encontrado essa relação entre o glossário e a identidade cultural, foi possível dividir o glossário em campos lexicais, cuja maior parte se enquadra na identidade cultural. Assim sendo, reconhecemos oito áreas da vida sociocultural, e conseqüentemente, o número igual de campos lexicais, que definem a interdiscursividade textual do nosso *corpus*. As duas obras aproximam o discurso quando se fala da música, da religiosidade (que abrange as crenças e os ritos tradicionais), da geografia (que abrange a denominação dos espaços geográficos e dos povos), da fauna e a flora (que abrange a designação de animais e plantas), da culinária (que

abrange vários nomes de pratos, ingredientes e modo de preparação de alimentos), da organização e instituições sociais, dos jogos, e das narrativas históricas e mitológicas. Em termos estatísticos, o campo lexical que se impõe no *corpus* é o da fauna e flora contendo dezanove palavras traduzidas nas duas obras. Identificar os campos lexicais do nosso glossário é uma atividade que se revelou complexa visto que algumas palavras são capazes de integrar mais do que um campo lexical. Por exemplo, os ingredientes da culinária podem integrar o campo da culinária e o da fauna.

### 2.3. A IDENTIDADE CULTURAL E O GLOSSÁRIO EM LMLP ENTRE AS LVM E A LP

A diversidade linguística e cultural de Moçambique conta com um pouco mais ou menos de trinta línguas vernaculares, mas o ministério da educação reconhece “cerca de vinte e quatro línguas moçambicanas” das quais “dezanove destas línguas têm a ortografia padronizada e são usadas na educação bilingue” (MINED, 2018, p. 31). Enquanto a relação entre as LVM prova-se secular e baseia-se principalmente na vizinhança tendo em conta o espaço geográfico partilhado pelos seus falantes, a relação entre as LVM e a LP baseia-se na superioridade e na oficialização da LP e seu uso exclusivo nos assuntos públicos e do Estado. Entretanto, é frequente, entre falantes bilingues, mudar de língua no meio de uma conversa ou recorrer a outra língua para explicar ou completar um raciocínio. Como na comunicação do quotidiano, as LVM não se dispensam em LMLP e marcam o seu território no fundo da obra, mas também e sobretudo no glossário. A escrita do léxico em LVM não sendo de todas línguas apenas padronizadas, é frequente notar o uso de escritas diferentes adaptando a escrita do português ou inclinando para as LVM padronizadas. Há uma representação em termos das regiões do país e suas LVM. Por exemplo, no campo lexical dos povos e espaços, encontramos as línguas e povos das três regiões do país. Trata-se de si-nhungwé, chikundas, achikundas, Si-shona, Muana, vanguni, changane, chope, ndau, nguni, tsonga, conforme a tabela sinóptica acima. Esta representação nacional da identidade linguística manifesta-se em todas as obras literárias não só as do nosso corpus, mas também em outras acima citadas. Na base desta constatação, um estudo compa-

rado mais aturado pode confirmar que a literatura moçambicana ultrapassa os laços regionais e independentemente do autor ou do seu quadro espaço-temporal, ela é a mais nacional das outras produções e manifestações artístico-cultural moçambicanas, como a música moçambicana, por exemplo, que ainda não se desassocia da identidade e laços regionais. No contexto multilingue, como é o caso de Moçambique que envolve principalmente a LP e as LVM, o multilinguismo torna-se multicultural em que todas estas línguas contribuem com seus traços culturais identitários e linguísticos. De forma mais clara, a identidade linguística, multilingue e multicultural do corpus deste artigo resume-se no seu glossário. Como afirma Charaudeau (2001, p. 342), a relação entre a língua e a identidade envolve o uso da língua, o que torna mais complexo o binómio língua e identidade acrescentado deste o elemento discurso (uso da língua) para formar o complexo língua-identidade, discurso-cultura. É nesta complexidade que se pode encontrar, estudar e analisar o glossário do nosso corpus, sendo ele um conjunto de elementos da identidade linguístico usado no discurso cultural entre a LP (veículo da LMLP) e as LVM que moçambicaniza a Língua Portuguesa de Camões para Mia Couto e Paulina Chiziane. A língua portuguesa de Camões precisa do uso/discurso tipicamente nacional para expressar-se sobre as artes e a música da terra de Craveirinha, Chiziane, Mia Couto e outros. Em LMLP as realidades como *Mbira*, *chingombela*, *ngalanga*, *timbila*, *Dzimunthu*, acima mencionadas no campo lexical de Artes e Músicas, são apresentadas através de um discurso emergente entre a LP e as LVM. O mesmo acontece quando se trata dos ritos e crenças genuinamente moçambicanos. A LP de Camões teria imensas dificuldades de se pronunciar sobre Nyanga, Nzuzu, mafundisse, Mbelele, Muzimo, Nhamussoro, Mambo, Xipalapala e Zuze (traduzidos no Glossário), se não adaptasse um discurso que recorre às LVM.

Sob ponto de vista de identidade cultural, da língua e do discurso, esta análise mostra que o uso do léxico das LVM pode se estudar sob vários pontos de vista. Primeiro, o fenómeno seria estudado como uma forma de translanguagem que fica indispensável quando se escreve acerca dos seguintes temas sobre os quais o português europeu precisa da cobertura cultural moçambicana: a arte, a dança e a música, a religiosidade, as crenças, a espiritualidade, os ritos, o casa-

mento e os povos, a organização e as relações sociais, a gastronomia e a culinária, e a medicina tradicional. Só com a tradução e a translanguagem a LMLP se sente perceptível na sua receção pelo leitor nacional e internacional falante da LP. O recurso à tradução do léxico das LVM explica-se pela multiplicidade do leitor sendo que alguns falantes da LP poderiam não perceber o léxico das LVM na sua língua de partida. Assim sendo, o fenómeno do léxico das LVM pode-se estudar como uma solidariedade linguística que visa a comunicação efetiva numa situação em que o português de Portugal fica limitado em determinados assuntos e contextos genuinamente moçambicano. Em segundo lugar, este fenómeno pode-se estudar como uma forma de moçambicanizar um pouco mais a língua de Camões, através da imersão desta na cultura e nas tradições moçambicanas. Numa era em que se equaciona a hipótese de adaptar, oficializar e normalizar o português moçambicano, não podemos deixar de associar este procedimento literário a aquela vontade nacional cada vez mais notável de apropriar-se ou moçambicanizar o português europeu. Sublinhe-se que esta última vontade manifestada motiva os artistas de quase todas as artes e conduz a uma reafirmação e recriação artística do português moçambicano. Pode-se pensar também, inversamente, que esta questão de afirmação da identidade nas artes através das LVM é apenas uma aceitação e o uso daquilo que já existe. Neste sentido, os artistas não estariam a recriar o português moçambicano, mas sim, estariam simplesmente a aceitar e a usar o português que nasceu do contacto entre Moçambique e Portugal, não sendo necessariamente a versão europeia, mas sim uma que se adapta à diversidade cultural e linguística de Moçambique. Esta visão estaria a apontar a um estudo do fenómeno em uma visão de afirmação de identidade.

Sob ponto de vista de afirmação da identidade nacional e resistência ideológica, não podemos responder categoricamente e afirmativamente sem que os próprios autores assumam isso, mas mesmo que esses recusem essa intenção, é notório o efeito do uso das LVM em LMLP na identificação e classificação desta literatura, assim como da sua receção. O léxico em LVM é o que de mais espelha a identidade moçambicana no corpus considerando a identidade, a língua, a cultura e o discurso (uso da LP) em LMLP. Não se pode pensar que o uso do léxico em LVM

acontece como uma translinguagem automática e não intencional. Os autores podiam recorrer ao procedimento contrário, podiam escrever e descrever as realidades sociais moçambicanas em LP sem recorrer as LVM, e ao fazer o contrário, estão cientes do quanto o uso das LVM conta na classificação da sua obra literária. Tendo em conta aquilo que o presidente Samora Machel tratava como “libertar o português de Portugal”, podemos concluir que o uso das LVM é a contribuição do autor na libertação do português, munindo o mesmo de ferramentas nacionais para torná-lo mais hábil ao serviço da cultura moçambicana.

### III. CONCLUSÃO

Ao concluir este estudo, afirmamos que a língua portuguesa que veicula a LMLP é uma construção nacional da qual um dos pilares é as LVM. Esta afirmação considera o ponto de vista do discurso, tendo em conta o uso da língua portuguesa no contexto moçambicano, típico de multilinguismo, a translinguagem consequente da coabitação linguística, no quotidiano que se revela através da produção literária em LMLP. As LVM reforçam o discurso literário da LMLP através da sua oralidade, da fala e da diversidade social, cultural, e linguística nacional transformando cada campo lexical multilingue em um campo temático literário multicultural. Nota-se que é através desta identidade própria, baseada na interdiscursividade e na relação entre os autores, seu vasto imaginário literário, sua diversidade linguística e seu uso particular da língua portuguesa que a literatura moçambicana se edificou e, vai se afirmando cada vez mais no seio das outras Literaturas de Língua Portuguesa. A nível nacional, verifica-se que essa identidade faz da literatura moçambicana a mais nacional que qualquer outra produção e manifestação artístico-cultural. A literatura moçambicana apresenta-se como um prato cujos ingredientes foram buscados em cada canto do país. Esta moçambicanidade linguística representada pelas LVM faz com que a LMLP não seja confundida com “suas irmãs” de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, do Brasil, entre outras, mesmo sendo todas estas Literaturas em/de Língua Portuguesa e, não obstante, tratar os mesmos temas e assuntos da história e de espaço linguístico comum. Desta feita, as LVM em LMLP servem não apenas como marco de identidade lingüís-

tica e cultural moçambicana, mas também como marco de identidade literária da obra como produto acabado. No que concerne à identidade linguística, podemos ainda concluir que o glossário das LVM moçambicana a língua portuguesa em LMLP e este elemento de identidade afirma o lugar da LMLP na prateleira da Literatura Moçambicana diferentemente das outras literaturas de língua portuguesa. O uso das LVM em LMLP acaba sendo um bônus para leitores que reclamam a normalização do português de Moçambique, visto que nessa versão, uma parte do léxico do glossário fica mesmo considerado como português nacional.

ABUBAKAR, INNOCENT; *As línguas vernaculares e a identidade cultural em Literatura Moçambicana de Língua Portuguesa: o encontro de vozes entre Paulina Chiziane e Mia Couto / Vernacular languages and cultural identity in Portuguese-speaking Mozambican Literature: the meeting of voices between Paulina Chiziane and Mia Couto*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 15-40

#### REFERÊNCIAS

- Ba Ka Khosa, U. (1990). *Ualalapi*. Lisboa: Caminho.
- Charaudeau, P. (2001). *Langue, Discours et Identité culturelle*. <https://www.cairn.info/revue-ela-2001-3-page-341.htm>
- Charaudeau, P. (2002). L'identité culturelle entre langue et discours. *Revue de didactologie des langues-cultures et de lexiculturologie ÉLA. Études de linguistique appliquée*, 24(1), 341-348. doi:10.3917/ela.123.0341.
- Chiziane, P. (1999). *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Caminho.
- Siopa, C. Marques, J. A, Monteiro, A. C & Serra, P. (2019). *Lingua e Literacia(s) no século XXI Textos Seleccionados das 9<sup>as</sup> Jornadas da Lingua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Couto, M. (2006). *O Outro Pé da Sereia*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Ferrão, I. (2004). *Amar sobre um leito de preconceitos*. Maputo: Ndjira.
- Firmino, G. (2006). *A «QUESTÃO LINGUÍSTICA» NA ÁFRICA PÓS-COLONIAL o caso do Português e das línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo: Texto Editores.
- Fonseca, J. J. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, Apostila.
- Gouanvic, J.-M. (2013, 09 30). Les enjeux de la traduction dans le champ littéraire. *Palimpsestes*, 95-106. <http://journals.openedition.org/palimpsestes/1531>.
- MINED. (2018). *Manual de Línguas Moçambicanas Formação de Professores do Ensino Primário Educação de Adultos*. Maputo: INDE.
- Momplé, L. (1995). *Neighbours*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- Muianga, A. (2012). *Nghamula, o homem do tchova (ou o eclipse de um cidadão)*. Maputo: Alcance.
- Oranges, C. S. (2017). O texto literário como corpus para análise lexical: “O Púcaro Búlgaro”, de Campos de Carvalho. *Revista de Estudos Linguísticos*, 46(1), 213-225. doi:<http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1568>.
- Orsi, V. (2012). Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? . In A. V. Gonçalves; M. L. Góis & V. Orsi. *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* (pp. 163-177). Campinas: Mercado de Letra.

ABUBAKAR, INNOCENT; *As línguas vernaculares e a identidade cultural em Literatura Moçambicana de Língua Portuguesa: o encontro de vozes entre Paulina Chiziane e Mia Couto / Vernacular languages and cultural identity in Portuguese-speaking Mozambican Literature: the meeting of voices between Paulina Chiziane and Mia Couto*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 15-40

Ponso, L. C. (2014). *As línguas não ocupam espaço dentro de nós: práticas, atitudes e identidades linguísticas entre jovens moçambicanos plurilíngues*. Niterói: Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

Rocher, G. (1995). Culture, civilisation et idéologie. In G. Rocher, *Introduction à la sociologie* (pp. 101-127). Montréal: Hurtubise HMH.

Romanelli, S. (2009). *Processo de criação em literatura e tradução literária e intersemiótica*. Lisboa: Editora Horizonte.

Timbane, A. A. & Vicente, J. G. (2017). O plurilinguismo em Moçambique: debates e caminhos por uma educação linguística inovadora. *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (31), 91-112.

